

Uma questão de actualidade Ao mundo operário organizado

lhares de crianças inteiramente abandonadas, farrapos humanos dispersos na sociedade, produtos de amores ilícitos e criminosos, «entrados na vida pelo postigo duma roda e que hão-de saír da vida pelo alcapão duma guilhotina».

E' que S. Ex.^a nos altos designios das suas congeminções, entende que são precisos braços muitos braços a oferecerem-se para trabalhar, estabelecendo assim o regime da concorrência e por consequência o predomínio da miséria.

Que arrebatem de fome os produtores; que a tuberculose se manifeste no seu seio; que seus filhos sejam raquíticos e inabilitados; que a indigência continue a germinar; que crianças durmam nas pedras das calçadas ou nos degraus das igrejas, tudo isso são ninharias que nada valem, á vista do espirito esclarecido do legislador. Ele quer gente, muita gente para assegurar a vitalidade da raça. Não lhe importa saber o modo como essa gente viverá, como se aguentará nesta desconjuntada barca de egoismos e ladroagens.

Não trabalham?—pouco importa,—que passem continuamente, e que encham o estomago de ar e de suspiros. Não tem casa?—que vivam na rua, dormindo nos bancos dos jardins ou nas retretes—que sarcasmo!—das ilhas arretratadas. Não podem mandar os filhos á escola?—pois melhor, porque assim serão eternamente ignorantes, suportando com resignação as iniquidades sociais. E' preciso gente, muita gente para que a concorrência da escravos não acabe e a burguesia não se veja, então, na contingência desolada e penosa de ter que aumentar os salários aos proletarios.

E á pátria sem gente o que seria? Naturalmente invadida pelo estrangeiro, os seus campos devastados, tudo arrasado sem se poder evitar o furor tigrino das hostes invasoras. Tudo isto com manifesto desprezo dos outros países que nos escarneceriam desdenhosamente por não termos sabido manter integra a nossa independência nem desenvolver o nosso fomento.

Logica de patrioteiro com o odra entulhado de iguarias. Querem que os burgueses, para não guardarem as barras e sofucarem a revolta do povo famélico contra a banalidade da exploração. Eles não se incomodam com os sacrificios inauditos que o povo faz para sustentar os filhos que lhes pedem pão.

Mas, afinal, que dirá o sr. Angelo Vaz quando a câmara resolver discutir o projecto na especialidade?—éle que se doutorou apresentando tese em defesa do neomaltusianismo! Certamente, por disciplina partidária, e para não desagradar ao colega biológico, de via reduzida, associa-se ao projecto propondo-lhe o seguinte aditamento:

Que seja criado, na nova reforma policial, um corpo de policia especial cuja missão consistirá unicamente em vigiar as relações sexuais nas casas dos cidadãos, indo essa vigilância ao extremo de cada agente do referido serviço permanecer invariavelmente á beira da cama onde os conjugues estejam deitados, obrigando-os a estar descobertos para, no acto psicologico, impedir o emprego das formulas neo-maltusianas, expulsando o cavalheiro do leito e ficando éle—o agente—a fabricar nênes.

Que fúcia de imbecis, estes doitores.

J. SALGADO.

Pobre Cristo!

Fala um alemão:
«Se Jesus vivesse hoje no meio de nós, pegaria em armas sem hesitar, como alemão, todo a arder em amor pela pátria e em santa indignação contra a pérfida tentativa de opressão dos nossos inimigos. Disso acho eu a prova incontestável nestas palavras de Elé: «Dai ao imperador o que é do imperador e a Deus o que é de Deus...» Johannes Muller.

Fala um francês:
«Sim, afirmo-vos, juró-vos, se éle fôsse hoje deste mundo, o Príncipe da Paz, Jesus Cristo agarraria numa espingarda francesa para disparar das nossas trinchei-

ras. Porque é pelo ideal mais certo, mais imperioso, mais infinito, em suma (sob a minha pena não há possibilidade de equívoco) é em boa e velha linguagem, por «Deus» que combate a república «ateia».— Paul-Hyacinthe Loyson.

Ora aí está! O desgraçado do Cristo se vivesse hoje, havia de se ver nos mesmos embaraços que o seu vigário—o qual anda atrapalhadíssimo, não querendo descontentar ninguém e não podendo contentar a todos—e fugindo o mais que pode de dar a sua opinião, a fim de não comprometer a sua... infalibilidade e a autoridade que éle nos garante ser de legitima e autêntica proveniência celeste... Exigir a marca na rôlha.

Não gostam de doce...

Na sua secção «Há quarenta anos», o *Diário de Noticias* reproduz do seu número de 30 de Junho de 1875 a seguinte anedota:
—Um patriota entusiasta dizia a uns voluntarios que se preparavam para marchar contra o inimigo:
—Coragem, rapazes! Ide pelear! Quão doce é morrer pela pátria!
—Mas se é tão doce, replicou um deles, porque não vem v. ex.^a conosco?
—Porque nunca gostei de doce... nem em pequeno.

A reprodução vem realmente a propósito, e se não traz água no bico, pelo menos parece...

Hoje são mais do que nunca numerosos os que «não gostam de doce»—frase expressiva que deve pegar e ficar...

Também, é a única qualidade de doce que élas deixam aos pobres, os mariolões...

«A feliz hygiene morta»

De *La Bataille Syndicaliste*:
«No *Mercure de France*, o sr. Henrique Mazel, citando a opinião dos partidários da anexação da região alemã que se estende até ao Reno, mostra a necessidade que haveria de continuarmos armados e a feliz hygiene moral que para o nosso povo, dem siadamente propenso ao desleixo, havia de resultar dessa obrigação de se manter de arma em descanso.»

O sr. Mazel acha que a França victoriosa deveria abster-se de qualquer anexação, devendo contentar-se com o «simples direito de occupação militar da linha do Reno».

Seja como for, aí está uma bella perspectiva para os que esperam que a guerra actual traga o fim do militarismo e a paz universal!

Fornecimentos militares

De *La Bataille Syndicaliste*:
«A industria da guerra—a única que prospera—permite a alguns edificarem riquezas escandalosas. Foram esgarnecidos, sobretudo no Senado, certos fornecedores que nada designava para exercer tal missão. Assim como se vêem, nas officinas metalúrgicas, financeiros, notários, advogados, filhos de familia que nunca tinham maneado uma ferramenta assim se vêem fornecedores de couros, de panos, de géneros ou de munições perfeitamente estranhos ao comércio e á industria que éles exercem nestas horas trágicas, graças á intriga.

Dá-se o caso de serem justamente ésses os que gritam com mais força: «Até ao fim!» Puderam tem tudo a ganhar com uma guerra que se prolonga!»

A Emancipação Social

Conforme já anunciamos, o Núcleo Juventude Sindicalista do Porto editou, num elegante folheto de 8 paginas, acompanhado duma gravura suggestiva, um trabalho excelente, com o título acima, do camarada Pedro Esteve.

O folhetinho de que nos occupamos, correctamente traduzido do ingles pelo nosso camarada Neno Vasco, custa apenas 1 centavo.

Nas requisições de mais de 50 exemplares será feito o abatimento de 20 por cento.

A todos os Nucleos de J. S. de Portugal se recomenda a propaganda deste folheto.

Os pedidos, acompanhados da importância correspondente, devem ser feitos ao Nucleo editor, rua Formosa, 242.—2.^o

Cumprindo uma das resoluções do Congresso operário internacional que, a favor da paz, se effectuou no Ferrol em abril do ano corrente, principiamos hoje a trabalhar com decisão e entusiasmo na reorganização da tam necessária como util associação:—a Internacional dos trabalhadores.

Se no começo da loucura guerreira actual, existisse, de facto, a Associação a que novamente pretendemos dar vida, rejuvenescendo-a e levando-a por modernos e amplos caminhos, seria difficilissimo que os povos se trucidassem mútua e reciprocamente á voz de qualquer Estado, pois as contínuas relações entre as diferentes secções do universo e a troca anual de impressões nos congressos internacionais realizados pela Associação, exerceriam grande e optima influencia no proletariado em geral e no proletariado organizado em particular.

Mas, visto que apesar do nosso ardente desejo assim não succedeu, tratemos todos nós de cooperar na reorganização da Internacional, fazendo a devida propaganda dentro e fóra dos sindicatos, para que estes enviem a sua adesão ao Comité encarregado de levar á pratica a resolução supracitada, a fim de se impedir, no futuro, que a juventude se assassine nos campos de batalha em nome de ideas e principios que a tiranizam e oprimem.

Portanto, esperamos que todas as Federações locais, regionais e nacionais, além dos sindicatos profissionais, nos deem a sua adesão, e contribuam com qualquer quantia para custear as despesas que indubitavelmente havemos de fazer, e para publicar, se nos for possível, o primeiro número do *Boletim*, o qual inserirá não só os Estatutos e Regulamento da Associação, como diversos artigos justificativos do porquê e para quê da nossa iniciativa.

Ao trabalho, pois, camaradas. Que a nova Internacional impessa, no porvir, guerras monstruosas como a que actualmente presenciamos, tais são os nossos votos.

Viva a Internacionall
Abaixo a guerra.

Ferrol (Espanha) Junho de 1915.

Associação Internacional dos Trabalhadores

Estatutos e Regulamento adoptados definitivamente pelo congresso de Genebra realizado em 1886 e aprovados novamente—salvo ligeiras modificações—no congresso Pro-Paz efectuado no Ferrol (Espanha) em abril de 1915.

Considerando:

que a emancipação dos trabalhadores hade ser obra dos mesmos trabalhadores;

que os esforços dos trabalhadores para conquistarem á sua emancipação não devem constituir novos privilégios, mas estabelecer para todos os mesmos direitos e os mesmos deveres;

que a sujeição do trabalhador ao capital é a origem de toda a escravidão politica, moral e material;

que, em virtude disso, a emancipação económica e social do proletariado é o grande fim a que deve subordinar-se todo o movimento sindical;

que, se todos os esforços empregados até á data não tem dado os resultados almejados, isso se deve á falta de solidariedade entre os operarios das diversas profissões de cada país e duma união fraternal, nacional e internacional; que a emancipação da classe operária não é uma questão simplesmente local ou nacional, mas sim de interesse geral e sem excepção para todos os países do mundo;

ga novos horizontes aconselha a que não se destruam as forças para não incorrerem nos erros passados.

O congresso declara que a Associação Internacional dos Trabalhadores ha de ter por norma a Verdade, a Justiça e a Moral, sem distincção de raças nem de nacionalidades, e considera como um dever reclamar os Direitos do Homem para todos os individuos que pertençam ou não á Associação: não mais direitos sem deveres.

Segundo estes considerandos, são adoptados os seguintes

Estatutos

1.^o Com o fim de procurar um ponto central de comunicação e cooperação entre os trabalhadores dos diversos países que aspiram a um fim comum, que vem a ser o concurso mútuo fautor do progresso e da completa emancipação da classe operária, é fundada uma Associação denominada:— Associação Internacional dos Trabalhadores.

2.^o Esta Associação terá um conselho geral composto de operários representando as diferentes nações cujos sindicatos façam parte da Associação. O conselho nomeará, de entre os seus membros, os individuos que desempenharão os cargos de secretário geral, tesoureiro e secretários correspondentes para o exterior.

3.^o Todos os anos, o congresso designará o local em que deve residir o Conselho geral, nomeará os individuos que o hão de constituir e escolherá o logar do próximo congresso, o qual se effectuará no dia fixado, sem necessidade de nova convocação. Se as circunstâncias assim o determinarem, o conselho geral apenas poderá mudar o local indicado, mas nunca o dia da sua reunião.

4.^o O Conselho informará anualmente o congresso do estado da Associação. E só em casos urgentísimos poderá convocar o para antes do dia previamente indicado.

5.^o O conselho geral estabelecerá uma activa correspondência com as associações operárias não só para estar ao corrente do seu estado, como para conhecer as questões que elas tratam e que mereçam ser discutidas internacionalmente ou reclamem o auxilio da Associação. O Conselho pode tomar a iniciativa, neste último caso, de submeter á apreciação das agrupações locais ou nacionais, qualquer proposta. E para facilitar as suas relações com as secções dos diversos países, publicará um Boletim.

6.^o Sendo a União e a Associação as forças vitais do movimento operário, as respectivas colectividades devem procurar por todos os meios possíveis não só agrupar-se em torno da Associação, como estar intimamente ligadas com o conselho geral.

7.^o Ao mudarem de país, todos os membros da Associação, serão auxiliados fraternalmente pelos seus consócios, os quaes lhe proporcionarão todos os informes relativos á sua profissão e ás condições de vida da localidade.

8.^o A esta Associação não podem pertencer, apesar de operários, os vereadores, os deputados, os senadores, enfim, os individuos que exerçam cargos de confiança dos governos. A razão aduzida para tal fim em contra-se no facto de que essas entidades, dadas as suas occupações, procurariam sempre imprimir ao movimento operário um caracter legislativo, senão negavam-se a si próprios, e o que constituiria um sério perigo para os fins que a Associação tem em vista. (1)

9.^o Podem aderir a esta Associação os professores racionalistas que estejam sindicados. Da mesma maneira a ela podem pertencer todos os individuos

organizados que lutem directamente contra o Capital e o Estado, como meio de chegar a um estado de convivencia social onde o homem seja livre material, moral e intellectualmente. (2).

10.^o As secções tem ampla liberdade de nomear os seus correspondentes ao Conselho geral.

11.^o Apesar de bem unidas por um vinculo da mais estreita solidariedade e cooperação, as sociedades operárias continuarão a existir sobre as bases que presidiram á sua fundação.

12.^o Os regulamentos revisitos em cada congresso, hão de corrigir o que não está previsto nestes estatutos.

Regulamento

1.^o E' obrigatorio para o Conselho geral, dar execução ás resoluções tomadas no congresso, cuja organização fica á seu cargo e bem assim ao seu programa que será transmitido a todas as secções.

2.^o O mesmo Conselho publicará, quando os seus recursos o permitirem, um Boletim, órgão da Associação, redigido em várias linguas e enviado gratuitamente a todas as secções.

3.^o A fim de angariar recursos materiais para se dar cumprimento ao disposto nos artigos anteriores, todos os membros da Associação devem pagar anualmente uma cota fixa de \$02 (2) reis.

4.^o Esta cota será igualmente destinada a custear as despesas do Conselho geral.

5.^o Nas grandes povoações, onde seja possível, nomear-se há um conselho central composto de determinado número de secções da mesma lingua, cujos membros, nomeados pelas respectivas secções, enviarão mensalmente ao conselho geral uma relação ou memória do estado das suas associações.

6.^o As despesas destes conselhos centrais, serão pagas pelas secções que os compõem.

7.^o Todos os membros da Associação tem direito a inteirar-se, por meio do Boletim do Conselho geral, do estado da mesma, para o que o poderão reclamar nos conselhos centrais ou nas secções respectivas.

8.^o Todas as secções, qualquer que seja o número dos seus membros, tem direito a enviar um delegado ao Congresso; e no caso das suas posses o não permitirem podem agregar-se a outra secção e enviar um delegado comum.

9.^o As despesas dos delegados serão pagas pela secção ou grupo de secções que o nomearem.

10.^o Todos os membros da Associação podem eleger e ser eleitos.

11.^o Por cada quinhentos associados, as secções tem o direito de ser representadas no Congresso por um delegado.

12.^o Cada delegado só tem um voto.

13.^o Apesar de cada secção possuir a liberdade de elaborar os seus estatutos e regulamentos particulares, estes devem estar em harmonia com os da Associação Internacional.

14.^o A pedido dos delegados, cada Congresso pode rever os presentes estatutos e regulamento.

A correspondência relativa á Associação Internacional dos Trabalhadores, deve dirigir-se ao secretario geral, Lopez Bouza Canalejas, 166, Ferrol, (Espanha).

(1) Resolução tomada no congresso da Paz.

(2) Idem, idem, idem.

União Anarquista Comunista (Gala) — Reune hoje este organismo pelas 15 horas no Grupo Verde e Luz para assuntos de importância. E' convidado a esta reunião o secretario da União Anarquista Comunista (Norte), e todos os demais delegados dos grupos adherentes.

LEIAM OS POLITICOS OS FINANCEIROS E A GUERRA PREÇO 50 REIS